



O realizador holandês com Isabelle Huppert, protagonista de *Ela*

Paul Verhoeven: “Hoje era impossível fazer o *Instinto Fatal*”

Cinema. *Ela* estreia-se para a semana e é um dos favoritos a vencer o LEFFEST. O realizador que está desconfiado com tanto elogio...

RUI PEDRO TENDINHA, em Cannes

Aconteceu a Paul Verhoeven e a Kleber Mendonça Filho. Saíram do Festival de Cinema de Cannes sem prémios mas aclamados pela crítica. Os realizadores de *Ela* e *Aquarius* foram os mais elogiados pela crítica internacional. Talvez por isso, a primeira pergunta que fazemos ao realizador holandês é precisamente como se gere tanto consenso da crítica.

Responde-nos com aquele sotaque inglês divertido e cheio de saliva: “É perigoso. Fico sempre desconfiado com os elogios. Vou ter de fazer filmes que voltem a tornar-me odiado, mas já estava à espera que este *Elle* pudesse agradar aos críticos. Acho que tem que ver com aquela autenticidade que a Isabelle Huppert dá ao papel. Só ela é capaz de ir tão longe no cinema! Não sou o único a dizê-lo, o Michael Haneke acha o mesmo... Mas este é o meu melhor filme.”

Sim, *Ela* é Huppert, aqui muito próximo daquela transcendência gelada de *A Pianista*, exatamente de Haneke. Aqui é Michèle LeBlanc, uma mulher de negócios sexagenária que depois de ser atacada e violada em sua casa desenvolve uma estranha relação com o seu violador. De presa passa para predadora. Estamos no domínio da farsa feminista? Ou apenas o “instinto básico” do olhar masculino do cineasta homem? *Ela* é um pouco disso tudo, mas também uma possibilidade de melodrama sobre os segredos mais perturbantes do desejo das mulheres, neste caso com histórias paralelas sobre traição e traumas de família (a personagem é filha de um conhecido assassino e só a partir daí chegamos uma série de avalanchas de complexo de Édipo).

Mas no terraço de Cannes, em pleno último dia do festival, recordamo-nos que o realizador de *Instinto Fatal* e *Amor e Sangue* está

particularmente feliz. Sorri muito enquanto fala e antes do gravador estar ligado também conta que ficou triste de não ter podido vir ao IndieLisboa, festival que lhe prestou homenagem e apelidou-o de Herói Indie. Também não veio agora ao Lisbon and Estoril Film Festival por estar em Los Angeles nas pré-campanhas do Óscar (*Ela* é o candidato ao melhor filme estrangeiro pela França).

“Lembro que este era um projeto que queria fazer nos EUA, mas nunca me deixaram. Todas as atrizes americanas a quem o papel lhes foi oferecido recusaram! Reagiram todas muito, mas muito mal. Também descobri que os seus agentes ainda são mais preconceituosos do que elas... Queríamos atrizes importantes, mas foi mesmo impossível. Hoje creio que era impossível fazer o *Instinto Fatal*”, conta.

Os tempos mudam mas a base do tabu sobre o tema da violação e da violência sexual será sempre um

tema. *Ela*, por muito que seja elogiado pela imprensa especializada (e é mesmo um dos grandes filmes da carreira de Verhoeven), vai viver permanentemente sob imensos estigmas. Um jornalista holandês conta-nos que na Holanda, antes de alguém ver sequer uma imagem, já se falava que era um filme pró-violação. O realizador apenas nos diz que não é uma comédia de violação, embora assumo o tema e o humor: “Não tentei ser frívolo com nada. O Jean Renoir também filmava estas coisas imorais e não se ria delas. A vida é assim mesmo! Por outro lado, também não me considero feminista – já estou farto de dizer isso. Mas sou pró-mulheres, isso sou... Gosto muito de mulheres e defendo-as. *Ela* é a prova disso. Tem uma mulher violada que se rebela contra a agressão de que foi vítima: recusa-se a ser vítima uma segunda vez. É alguém que nunca aceita o lugar de vítima! Por outro lado, não é um filme sobre uma vingança de uma mulher que foi violada.”

Ficamos com uma dúvida: será que ele se quer vingar da Hollywood que o marcou como “perdedor” depois de *Showgirls*, o seu imenso falhanço de bilheteira? “Atenção, ainda vivo em Los Angeles! O problema é que na América é muito difícil encontrar um projeto interessante. Não tenho nenhum espírito de vingança. Veja bem, nunca se sabe onde se pode vir a encontrar trabalho. Não esperava fazer este filme em França...”

A última vez que tinha rodado na América foi há 16 anos, *Hollow Man*, delícia de série B com a sua inconfundível assinatura.

OPINIÃO

O jogo perverso de Isabelle Huppert



INÊS LOURENÇO
Crítica

Não é fácil encontrar um adjetivo pleno e justo para descrever a arte de Isabelle Huppert, uma das atrizes francesas que melhor conserva, ativamente, a sua identidade nos mundos diversos de cada filme em que entra. É o chamado ser “igual a ela própria”, na enorme subtilidade de se transformar noutra, dentro das fronteiras da sua personalidade. Talvez por isso o título do filme de Paul Verhoeven seja tão perspicaz: *Ela*. Simplesmente, ela. Essa atriz que cresce – não só, mas particularmente – no pragmatismo e perversidade do cinema de Claude Chabrol, e aí estabeleceu uma sublinhada presença diante da câmara, como se tivesse para sempre nas mãos a caçadeira que empunha na derradeira cena de *A Cerimónia* (1995). Desta impressionante postura dominante se faz também, na essência, o novo filme do realizador holandês, que coloca a protagonista, sozinha e de modo deliberado, no encaixe do homem que a violou... uma violação que marca o primeiro plano de *Ela*, e instala o jogo perverso que configura toda a narrativa.

Aos 63 anos, Huppert não faz da maturidade um posto, e a carga sexual dos papéis da sua juventude está-lhe, de algum modo, intacta no rosto e no corpo. Trata-se de uma liberdade de “ser”, que se confunde com o talhe da ficção. Ela não é um símbolo instalado da sua própria memória cinematográfica, mas uma chama bem viva, que não se deixa apagar sob o comando de um realizador. E é aqui que a pergunta se impõe: recordaremos *Elle*, um dos filmes do ano, pela assinatura de Verhoeven? A provocação e o traço impulsivo do seu cinema estão lá, sem dúvida, mas é a Huppert que a ordem da ação e do mistério se submete, por reverência ao seu arrojado performativo, com um muito peculiar toque de comédia. A maravilha de *Ela* está aí, e o principal argumento é a pulsão de um corpo singular. O dela.